



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

**“A ESCOLA FOI O LUGAR MAIS TÓXICO PARA MEU CORPO TRANSITAR”:  
AUTOETNOGRAFIA DE UM CORPO GORDO NA ESCOLA**

**“SCHOOL WAS THE MOST TOXIC PLACE FOR MY BODY TO TRANSIT”:  
AUTOETHNOGRAPHY OF A FAT BODY AT SCHOOL**

Wilker Ramos-Soares<sup>1</sup> (PPG-IELT/UEG/FAPEG)

**Resumo:** A tomada de consciência que toda a repulsa, nojo, insatisfação e horror que eu tinha pelo meu corpo até meus 19/20 anos foi causado por um estigma construído sócio-culturalmente através do controle dos corpos, não foi apenas uma libertação de uma insatisfação pessoal, mas uma possibilidade de existência plena, uma outra forma de (re)existir. Sendo assim, este texto aborda a íntima relação entre linguagem e gordofobia presentes, muitas vezes, dentro da escola. Embora esse debate tenha ganhado força em variados contextos sociais, o corpo gordo ainda não é muito visto como possibilidade de problematização na Linguística Aplicada (SILVESTRE; RAMOS-SOARES; SABOTA, 2020). Por isso, compreendo a importância de cada vez mais estudos relacionados a pautas sociais de opressão a corpos presentes no escopo da LA por ser um amplo campo de estudo e com uma forma inter/trans/indisciplinar de se pensar em questões relacionadas à linguagem (MOITA LOPES, 2013). Assim, por meio da autoetnografia (ELIS; ADAMS; BOCHNER, 2011; ALEGRETE, 2012; ONO, 2018), utilizando uma narrativa biográfica registrada no prólogo do meu Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação (RAMOS-SOARES, 2019), cruzada a outros episódios de violências gordofóbicas que sofri durante meu período escolar, que este estudo surge. Vislumbro com esse trabalho que possamos construir caminhos praxiológicos mais críticos em LA em nosso país, considerando a temática gordoativista como uma forma de contribuir para uma sociedade menos gordofóbica e mais inclusiva aos corpos dissidentes, sobretudo sobre a relevância social dos estudos dessa área para construir uma Educação Linguística de corpo.

**Palavras-chave:** Corpo. Linguística Aplicada Crítica. Gordofobia. Educação. Decolonialidade.

**Abstract:** The realization that all the repulsion, disgust, dissatisfaction, and horror I had for my body until I was 19/20 years old was caused by a socioculturally constructed stigma through the control of bodies, it was not just liberation from a personal dissatisfaction, but a possibility of full existence, another way of (re)existing. Therefore, this text approaches the intimate relationship between language and fatphobia, often present within the school. Although this debate has gained strength in various social contexts, the fat body is still not seen as a possibility of problematization in Applied Linguistics (SILVESTRE; RAMOS-SOARES; SABOTA, 2020). Therefore, I recognize the importance of more and more studies related to social agendas of oppressed bodies present in the scope of AL because it is a broad field of study and with an inter/trans/undisciplinary way of thinking about issues related to language (MOITA LOPES, 2013). Thus, via autoethnography (ELIS; ADAMS; BOCHNER, 2011; ALEGRETE, 2012; ONO, 2018), using a biographical narrative recorded in the prologue of my

<sup>1</sup> Mestrando em Linguagem e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), graduado em Licenciatura em Letras Português/Inglês pela mesma instituição, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Membro dos Grupos de Estudos e Pesquisas INTEGRA (UEG/CNPq), DIV@S (UEG/CNPq), TRANSIÇÃO (UFG/CNPq) e GEDIS (UFU). Idealizador, monitor e host no Projeto de Extensão MESCLA - The Podcast! (UEG). Tem interesses em pesquisas sobre corpo(ralidade)s e dissidências na Educação Linguística Crítica e nos Estudos Decoloniais. E-mail: [w.rsp@outlook.com](mailto:w.rsp@outlook.com).



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

Undergraduate Course Completion Work (RAMOS-SOARES, 2019), crossed with other episodes of fatphobic violence that I suffered during my school period, that this study emerges. With this work I envision that we can build more critical praxiological paths in AL in our country, considering the fat-activist theme as a way to contribute to a less fatphobic society and more inclusive to dissident bodies, especially on the social relevance of studies in this area to build a Body Linguistics Education

**Key words:** Body. Critical Applied Linguistics. Fatphobia. Education. Decoloniality.

### **Considerações iniciais**

[...] acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter.

Ailton Krenak

O ano era 2019. Eu estava defendendo meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Licenciatura em Letras. Iniciei aquele texto com um prólogo narrativo contando minha relação com meu corpo e com os espaços escolares em que transitei (RAMOS-SOARES, 2019). Lá, eu narrei eventos que não havia falado a mais ninguém até aquele momento, e foi assim que percebi que ainda havia muitas feridas causadas pela gordofobia abertas em meu corpo. E é justamente da tentativa de voltar a essas feridas, entender onde sangra e tentar me curar que este estudo surge.

Historicamente, nós presenciamos alguns poucos corpos ocupando os espaços científicos, a tal comunidade intelectual brasileira, uma elite masculina, branca, cis, hétero, binária, sem deficiência, magra. E foi esse corpo que contou a história sob sua ótica, com suas lentes muito embaçadas e falando de corpos cujas vivências desconhecia. Hoje eu reivindico o direito de contar a minha própria história, as minhas dores, as minhas feridas – e do meu lugar de existência. Preciso reconhecer os diversos privilégios que vêm junto com meu corpo, mas entendo também que meus privilégios não anulam as minhas subalternidades/dissidências, nem me deixam imune a sofrer com a pressão estética e a gordofobia, foco deste artigo.



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

Sendo assim, este texto tem como intuito apresentar a trajetória do meu corpo sendo uma pessoa gorda durante o período escolar e todo o sofrimento gerado nesse espaço. Além disso, almeja-se fomentar discussões acerca do gordoativismo para os estudos da linguagem como uma forma de enfrentarmos as violências e agressões que estão, muitas vezes, presentes em nossas salas de aula.

Para isso, acredito serem importantes as discussões da Linguística Aplicada Crítica, dialogando com as/os autoras/es Moita Lopes (2006), Rajagopalan (2006), Fabrício (2019), Hélivio (2019), entre outras/os. E busco dialogar também com os Estudos Decoloniais, sobretudo com as/os autoras/es Silvestre (2017), Quijano (2009), Walsh (2009), entre outras/os.

Para este estudo, caminhei pelas discussões de autoetnografia de Ellis, Adams e Bochner (2011), Alegrete (2012) e Ono (2018). Optei por lançar olhares para essa metodologia pela possibilidade de contribuir, como colocado por Fabrício Ono (2018, p. 60), “para uma expansão e amplificação de interpretações [...] identitárias sob um outro viés, menos rígido, menos binário, menos engessado”. Além disso, para as reflexões e problematizações, optei pela abordagem qualitativa-interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006, 2018).

Este artigo está organizado em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, discorro sobre a trajetória de violência e opressões que enfrentei por ser uma criança e um adolescente gordo na escola e direciono essa discussão aos estudos da linguagem. Em seguida, problematizo a ideia de escola, sala de aula e língua, a fim de perceber caminhos mais saudáveis e menos tóxicos para um corpo gordo na escola, partindo dos debates da Linguística Aplicada Crítica e dialogando com perspectivas decoloniais. Meu objetivo principal é apresentar a temática gordoativista como uma forma de contribuir para uma sociedade menos gordofóbica e uma escola menos violenta para corpos gordos.

### **Uma fábrica de loucura: a trajetória de um corpo gordo na escola**

Ao perceber a Linguística Aplicada Crítica “do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade” (MOITA LOPES, 2006, p. 25), cria-se um cenário para este texto: os atravessamentos identitários de um corpo



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

gordo na escola. Com isso, acredito ser importante caminhar por minhas próprias memórias e situar, você, leitor/a, sobre como foi meu período escolar sendo uma pessoa gorda.

Na infância, fui uma criança muito magra, até meus 6-7 anos. Isso sempre causou preocupações nos meus pais e demais familiares. Levaram-me a médicas/os, investigando o problema da minha falta de peso, e a consequência disso foi diversos tratamentos com medicamentos e intervenções para que eu – finalmente – ganhasse peso. Segui magro apesar dessas intervenções, mas isso mudou depois dos 7-8 anos. Eu não tenho um biotipo de uma pessoa magra, então, quando meu corpo começou a se desenvolver, eu ganhei peso. Tornei-me, nesse momento, um pré-adolescente “obeso” e, como muitas/os, passei por restrição alimentar por indicação médica. Meu corpo sempre foi um problema, o que antes era por **ser magro demais**, agora era por **ser muito gordo**.

Em fase de crescimento e desenvolvimento do meu corpo, dos 8 aos 14 anos – em prol da minha “saúde” –, eu tinha porções de comida montadas para me limitar apenas àquela quantidade, que, muitas vezes, me deixava com uma fome absurda. Além disso, ao longo de todos esses anos de dieta extremamente restritiva, fui vigiado para que não comesse mais do que deveria e da “melhor” forma possível. Ainda que hoje eu possa perceber o quanto isso me feriu, na época só me parecia cuidado, sempre tive pai e mãe super amorosos.

Junto a isso que vivia em casa, passei por diversas situações de bullying na escola – **lugar mais tóxico para meu corpo transitar**. E são essas experiências que focalizo aqui.

Preciso mencionar que houve outros atravessamentos que fizeram a escola ser um espaço tão violento para mim. Ali eu era um corpo gordo, *gay*, afeminado, *nerd* e antissocial, sendo excluído do convívio coletivo e passando por diversas chacotas e humilhações frequentes, tanto pelas/os demais alunas/os quanto pelas/os docentes e coordenadoras/es da escola durante todo o Ensino Fundamental e parte do Ensino Médio. Mas, neste artigo, centralizo o debate nas agressões causadas pelo meu desenho corporal.

Foi nesse cenário extremamente violento e opressor que desenvolvi diversos transtornos alimentares e transtornos de imagem. Comecei a comer compulsivamente (quando não estava sob vigilância) a ponto de vomitar, em uma desesperada tentativa de saciar minha forma sem ganhar peso no processo. Hoje eu entendo que vivi durante anos um processo de **bulimia**, uma



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

compulsão alimentar seguida de tentativas de evitar o ganho de peso, que no meu caso era vomitar tudo o que comia. Até mesmo sucos na época, quando tomava, eu forçava o vômito com medo de os açúcares presentes no suco me fazerem ganhar peso.

Olhando fotos daquela época, percebo que, no ápice dos meus transtornos alimentares, foi a fase da minha vida em que mais estive magro. Porém, ao me olhar no espelho na época, eu só conseguia ver uma pessoa **enorme** e **repugnante**, me causando **nojo** e **vergonha**. Então, percebo que nessa fase também desenvolvi transtornos de imagem. Eu já não conseguia ver meu corpo como estava, a imagem que vinha à minha mente era sempre aumentada. Demorei anos para conseguir encarar o espelho e me enxergar lá, mesmo depois que já tinha iniciado o processo de aceitação corporal. Eu acredito que olhar no espelho e realmente me ver sem nojo, sem vergonha e com cuidado foi a parte mais difícil do processo de me entender enquanto uma pessoa gorda e não ver problema nisso.

Eu entendo que diversos traumas que me levaram a esse processo de **ódio intenso contra o meu corpo** surgiram durante meu período escolar, em especial as aulas de Educação Física. Frequentar as aulas com uma professora extremamente machista, homofóbica, racista e gordofóbica era uma tortura. Durante todas as aulas eu era chamado de “bola”; essa professora mandava os meninos me chutarem (sim, só os meninos, as meninas não podiam jogar futebol na aula dela, nem os meninos podiam jogar outra coisa que não fosse futebol), me chamavam de “bolinha viada”, “gayzinho/mariquinha/bichinha/princesinha/florzinha gorda”, entre muitas outras coisas que me provocam uma enorme dor ao lembrar.

Ali, naqueles momentos, eu me culpava por não ser mais **magro**, não ser mais **homem**, não ser mais **forte**, não saber jogar futebol, **não ser o que eu deveria ser**. E isso só aumentava meu ódio contra o meu corpo numa severa tentativa de ser quem as pessoas falavam que eu deveria ser.

Mas o processo de gordofobia que sofri não se limitava a essas aulas. Na hora do lanche, as “tias” passavam por mim por último; segundo elas, depois que todos tivessem pegado, eu poderia pegar o restante o quanto quisesse para sustentar minha ‘pança’. Ainda que nunca tivesse comido compulsivamente na escola, também me atribuíram o estigma de **guloso** pelo meu tamanho corporal.



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

Meu corpo me enojava, eu tinha horror à minha barriga, me beliscava, me esmurrava, tinha vontade de fazê-la sumir, eu não suportava ficar sem camiseta. Nunca frequentava eventos em que houvesse piscina, sempre levei minha roupa para me trocar no banheiro, vivia de moletom na escola, tentando disfarçar minha barriga. **Eu me sentia extremamente envergonhado com meu corpo.**

A “escola é um espaço fundamental de construção de vida social”, o primeiro espaço de socialização fora do ambiente familiar com a “possibilidade de expor a outras construções sociais sobre quem é ou pode ser” (MOITA LOPES, 2013, p. 9). E foi justamente durante esse período tão importante de construção identitária que sempre achei que tinha algo errado comigo. Eu não era bonito o bastante porque não me dedicava mais ao **emagrecimento**, porque era **preguiçoso demais, guloso demais, medroso demais** e diversas outras ideias equivocadas que fui construindo sobre as percepções de mim mesmo.

Conforme fui crescendo, fui desenvolvendo outros transtornos. Quando tive condições de frequentar uma academia, comecei a malhar compulsivamente. Eu observava a hora que as/os professoras/es da academia que eu frequentava finalizavam e iniciavam seus turnos e chegava na hora da troca. Assim, eu conseguia passar mais de duas horas seguidas na esteira sem ser repreendido. Eu corria durante horas sem comer nada antes, pegava peso até a exaustão. Nesse momento, além da bulimia, eu também desenvolvi vigorexia, um transtorno obsessivo-compulsivo por atividades físicas a ponto de levar, continuamente, o corpo à exaustão.

Chegava em casa com uma dor absurda no estômago, comia compulsivamente até vomitar, me culpava por ter comido e justificando meu não emagrecimento com aquela fome doentia que sentia. Eu vivi esse ciclo perverso por quase dois anos. Desenvolvi uma forte gastrite nessa época e uma série de problemas com os quais lido atualmente, incluindo uma lesão hepática grau 3 no fígado advinda dos medicamentos que consumia para emagrecer, muitos deles com vendas proibidas no Brasil.

Está claro o quanto eu não estava saudável, mas foi a época em que perdi muito peso. Logo todas as pessoas que se preocupavam com a minha “saúde” pararam de falar do meu corpo. E essas mesmas pessoas “preocupadas” começaram a elogiar o meu emagrecimento com mensagens que, segundo elas, me incentivariam a continuar o que estava fazendo para “cuidar”



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

do meu corpo. A dura crítica feita por Ailton Krenak (2020), na epígrafe que abre este texto, nos provoca para algo importante, as (re)produções e reiteraões de discursos hegemônicos/coloniais que ocorrem no ambiente escolar.

Devido às graves violências que sofri na escola, até hoje sigo no processo de “parar de me odiar!” (GURGEL, 2018).

Diante do exposto, precisamos perceber a escola e a sala de aula como contextos micro, “com questões sociais tão relevantes e possíveis de receber olhares críticos quanto o contexto macro em que está inserido” (SILVESTRE, 2017, p. 26). Sendo assim, é necessário descentralizar os discursos de determinados grupos, considerar válidas suas diferenças sob outra perspectiva, mais crítica, mais ética, mais democrática. Precisamos trazer das margens as dores dos corpos dissidentes, criando possibilidades outras para esses corpos existirem.

Como linguistas aplicadas/os críticas/os, precisamos ter consciência de que o “exercício da palavra, possibilita que se trate de qualquer tema” (MOITA LOPES, 2013, p. 10). Precisamos, então, nos amparar “no discurso com a esperança [para] que possa[mos] usá-lo para fazer escolhas éticas sobre o mundo social que espelhem a possibilidade de refutar qualquer tipo de sofrimento humano” (MOITA LOPES, 2013, p. 10).

Foi através de personalidades digitais que conheci por meio das mídias sociais que deixei de me sentir sozinho. Conheci algumas correntes de ativismo e com elas algumas e alguns ativistas que me abraçaram e me fizeram perceber que o que eu sofri e ainda sofria tinha nome: gordofobia.

Aqui, ainda com as diversas polêmicas que envolvem essas pessoas, preciso reverenciar quem me mostrou, pela primeira vez, a construção dos estigmas do corpo gordo e que o ódio que tinha pelo meu corpo não era um sentimento genuíno, mas construído por todo esse processo violento de construção social sobre os corpos gordos. Alexandra Gurgel (canal Alexandrismo), Caio (canal Caio Revela), Betta (canal Betta Fala), Thaís Carla (bailarina), o meu muito obrigado por me mostrarem que existia uma outra possibilidade de existir sem tentar, severa e dolorosamente, me encaixar em um corpo que não era meu.

Em seguida, eu iniciei a graduação em Licenciatura em Letras e me encontrei com a LA Crítica e sua forma inter/transdisciplinar e questionadora de se problematizar temáticas sociais



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

que causam o sofrimento humano. Sendo assim, hoje, enquanto “pesquisador linguista aplicado crítico gordo, com pesquisas voltadas para corpos que são silenciados, apagados e inviabilizados”, busco investigar e problematizar a (re)construção e (re)produção dos estigmas e as violências que emanam disso (RAMOS-SOARES, 2019, p. 12), além de, diariamente, afastar “todos os fantasmas que me assombraram durante [mais de] duas décadas da minha vida” (RAMOS-SOARES, 2019, p. 12).

### **Corpo, Escola e Opressão: diálogos com a Linguística Aplicada Crítica**

Em um artigo intitulado “Corpos gordos (in)visibilizados na linguística aplicada”, publicado em 2020 na revista *Raído* (online), eu, Viviane Silvestre e Barbra Sabota iniciamos alguns debates sobre como o corpo gordo era/é visto como interesse de estudo na LA Crítica. Através de uma busca bibliográfica que se iniciou no meu TCC da graduação e se desdobrou na publicação desse artigo, tínhamos como objetivo entender a pertinência dessa agenda de investigação de pesquisa para a área, “em especial para as praxiologias no tocante à educação linguística” (SILVESTRE; RAMOS-SOARES; SABOTA, 2020, p. 447).

Com isso, neste texto tenho o intuito de fomentar as discussões sobre o gordoativismo para os estudos da linguagem como uma forma de enfrentarmos as violências e agressões que estão, muitas vezes, presentes em nossas salas de aula. E percebo que a Linguística Aplicada Crítica pode ser um caminho possível para o enfrentamento a essas injustiças e dores causadas pela gordofobia.

A inter/transdisciplinaridade da LA Crítica possibilita fugas de visões pré-estabelecidas de pesquisas que muitas vezes reiteram violências, colocando o foco, então, em pesquisas marginais (MOITA LOPES, 2006), que é como percebo este estudo. Além disso, entendo que as praxiologias construídas no âmbito da LA Crítica são localizadas, ou seja, pesquisador/as e suas subjetividades são fundamentais (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019). Isso proporciona um “novo modo de produzir conhecimento com implicações sobre as mudanças na sociedade” (MOITA LOPES, 2006, p. 90), uma forma de desaprisionar mentes e desacorrentar corpos que são diariamente maltratados.



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

Muitos dos traumas e feridas que ainda carrego comigo surgiram na escola. Sendo assim, penso no contexto escolar – sobretudo nas interações cotidianas das salas de aula – como espaços de conflitos, tal como as realidades sociais, podendo ser usadas – as salas de aula – como espaço para problematizar esses conflitos, a fim de que “sociedades menos violentas possam ser engendradas” (PESSOA, 2019, p. 49).

Uma forma de fazer com que essas problematizações possam alcançar um grande número de pessoas com potencial para repensar nosso futuro a partir de nossa agência em sociedade é trazê-la para as salas de aula por meio de praxiologias que se amparem na educação linguística crítica. Ao expandir os estudos da linguagem para que englobem pautas sociais, oportunizamos que outras vivências, outros corpos sejam vistos e ouvidos.

Alastair Pennycook (1998) chama atenção para o fato de que, se, no ensino de línguas normalmente prevalece a neutralidade e não se discutem as desigualdades sociais, tais desigualdades tendem a ser reforçadas no mundo. Sendo assim, entendo que o contexto educacional pode favorecer que a violência seja dirimida ao incluir em seu espaço oportunidades de integração da subjetividade identitária (SILVESTRE; RAMOS-SOARES; SABOTA, 2020). Assim, é necessária uma agenda de estudos que inclua as demandas postas pelo gordofatismo no campo aplicado dos estudos da linguagem.

Com esse intento, acredito ser importante diferenciar neste texto a “pressão estética” da “gordofobia”. A **pressão estética** se refere a um padrão de beleza estética imposto socioculturalmente como o ideal, o belo, o correto. Esse padrão é construído – intencionalmente – de forma inalcançável e inatingível; mesmo quem está muito próximo dele, tal como as/os modelos e atrizes e atores que estampam as capas das revistas e afins, sofre com essa pressão imposta. É justamente por isso que é intencionalmente inalcançável e inatingível, pois, através do processo do tríptico gordofóbica – o discurso médico, estético e moral – se desencadeia uma série de culpabilização individual que fará as pessoas consumirem mais produtos de emagrecimento e mais conteúdo direcionado a “boa forma” e “saúde” (PIÑEYRO, 2016).

Já a **gordofobia** é o processo de perda de direitos básicos e de restrições de qualidade de vida e privação de acessibilidade advinda de uma questão corporal. Gordofobia é a violência, a opressão e o apagamento de todo um desenho corporal; é a construção de um ideal que tentará,



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

diariamente, fazer você odiar seu corpo. Questões comuns e rotineiras passam a ser uma ansiedade, vergonha e angústia constantes, tal como assentos de avião, cintos de segurança, catracas de ônibus, portas de banheiro, lojas de departamento etc. No entanto, a violência gordofóbica não se restringe apenas a não encontrar roupas, sapatos e afins, mas ser julgado, menosprezado, estigmatizado pelo tamanho/formato do seu corpo (RAMOS-SOARES, 2019).

Enquanto criança, em plena fase de crescimento e desenvolvimento do corpo, a/o gorda/o passa por restrição e privação alimentar com o intuito de manter a “saúde” (PETROSKI; PELEGRINI; GLANER, 2012), sustentado por um **discurso médico**; enquanto adolescente, a/o gorda/o passa por chacotas e bullying frequentes dentro das escolas, tanto pelas/os demais alunas/os quanto pelas/os professoras/es e pela gestão escolar (BASTOS; PESSOA, 2019), sustentado por um **discurso estético**; já na maturidade, a/o adulta/o, além de lidar com todos os problemas psicológicos gerados por toda a sua construção de identidade gorda, precisa lidar também com olhares julgadores e com seus direitos sendo privados e retirados de forma agressiva (CARVALHO et al., 2018), sustentado por um **discurso moral**.

Antes de seguir com a discussão, acredito ser importante ressaltar que, tal como colocado no artigo de 2020, que

as problematizações que [trago] neste texto não negam a importância de hábitos de vida e alimentação saudáveis. Uma das pautas mais importantes do gordoativismo é justamente desassociar o corpo gordo do estigma de um corpo doente. A ressalva que [faço aqui] busca dissipar o preconceito que recai sobre o corpo gordo, via de regra tomado como desviante e apto a sofrer comentários de demérito a partir da aparência “fora da norma” ou do padrão estético vigente (SILVESTRE; RAMOS-SOARES; SABOTA, 2020, p. 447 grifo no original).

Sendo assim, para este texto, a gordura corporal é lida a partir da lente político-econômica construída sócio-historicamente, ou seja, “ela não tem um valor absoluto, mas sim recebe atributos diversos em razão do contexto histórico e/ou cultural em que é vista, o que implica dizer que a gordura é uma construção cultural” (SILVESTRE; RAMOS-SOARES; SABOTA, 2020, p. 447).

Mais do que algo material, pensar em corpo é decisivo para perceber as relações de poder. Aqui compreendo que um corpo, como colocado por Silvana Goellner (2013, p. 31),



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

“[mais] do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também [...] as intervenções que nele se operam, a imagem que dele produz [...], os vestígios que nele se exibem” e o poder que nele opera. Esse processo é constituído por meio de uma relação de poder baseada em “processos de classificação, desclassificação e reclassificação social de uma população” (QUIJANO, 2009, p. 102).

Quando pensamos no Brasil, “ao nos referirmos ao corpo hegemônico, temos o corpo magro, alto, malhado, tido como ‘saudável’. À margem, é posto o corpo gordo, como sinônimo de ‘descuido’, ‘doença’, ‘feiúra’” (RAMOS-SOARES, 2019, p. 13, grifos do original). Entendendo a sociedade como uma articulação de múltiplas existências sociais numa única estrutura, quão agressivo é pensar em uma relação de poder cujo objetivo é “padronizar” as existências em severos e limitantes padrões estéticos? O discurso gordofóbico, da “boa forma”, do “belo”, do “correto” diariamente é usado para ferir corpos gordos e atua em diferentes níveis: acessibilidade, restrições, agressões de diversas formas, chacotas e humilhações, bullying escolar, entre tantas outras já mencionadas anteriormente.

Ao refletir acerca dessa relação de poder sobre os corpos gordos, é de suma importância mencionar que, quando “se trata do poder, é sempre a partir das margens que mais costuma ser vista, e mais cedo, porque entra em questão, a totalidade do campo de relações e de sentidos que constitui tal poder” (QUIJANO, 2009, p. 76). Por isso a importância de ouvir, ler, vivenciar outros corpos; acessar outras bolhas, escutar mais vivências e trazer das margens esses corpos que diariamente tentam apagar, silenciar e matar.

Acredito que uma forma de transformar essa “fábrica de loucuras” (KRENAK, 2020) em um espaço de ensino-aprendizado significativo é partindo da reflexão sobre práxis pedagógica, pois dessa maneira se pode chegar à reflexão crítica. Com isso, precisamos pleitear a ideia de (des)construção não como se o que conhecêssemos entrasse em ruína, mas pensá-lo no sentido de questionamento sobre o que “se pode construir a partir do que restou ao ser-lhe apresentadas novas possibilidades de escolha do que se deseja” (FRANK, 2019, p. 19).

Pensar nas pessoas gordas, em especial aquelas que estão em nossas salas de aula, “não se trata de levar a verdade/conhecimento a esses grupos, mas de construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los” (MOITA LOPES,



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

2006, p. 96). Dessa forma, acredito que um caminho possível para dirimir/diminuir as violências presentes nesses espaços seja incorporar essas discussões e esses debates nas atividades escolares e na rotina diária das escolas; não tematizar essas discussões, mas propiciar os debates com produções multimodais que trabalhem os sentidos não estigmatizados e não estereotipados de corpos diversos diariamente.

### **Considerações transitórias**

Escrevi este texto também com o propósito de me curar, me desamarrar, me desaprisionar e poder reexistir enquanto um corpo que sente, que chora, que ri, que vive. Ao longo deste artigo, narrei parte da minha trajetória escolar sendo uma pessoa gorda e todas as violências e opressões que sofri pelas/os demais alunas/os, professoras/es e gestão da escola. Problematizei a importância de os estudos da linguagem, cada vez mais, discutirem pautas sociais e as (re)produções de comportamentos que geram sofrimento humano.

Sendo assim, este texto teve como objetivo fomentar as discussões presentes no movimento do gordoativismo e seu diálogo com os estudos da linguagem, sobretudo a Linguística Aplicada Crítica. Entendo que, fazendo isso, podemos pensar em formas **outras** de enfrentarmos as violências e agressões que estão, muitas vezes, presentes em nossas salas de aula e fora delas.

Tal como Krenak (2020), na epígrafe que abre este texto, eu acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. É perverso pensar que grande parte de nossas vidas, parte considerável de nossa construção identitária, aconteça na escola e que esse mesmo espaço seja tão perverso e tóxico. Espero que a minha narrativa e o ato de coragem de escancarar as feridas, mostrar onde sangra, também sejam uma forma de interromper esse processo violento e que **a escola deixe de ser o espaço mais tóxico para qualquer corpo transitar.**

Vislumbro com este trabalho que possamos construir caminhos praxiológicos mais críticos em LA em nosso país, considerando a temática gordoativista como uma forma de contribuir para uma sociedade menos gordofóbica e mais inclusiva aos corpos dissidentes, sobretudo ressaltando a relevância social dos estudos dessa área para construir uma Educação



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

Linguística de corpo.

### Referências

ALEGRETTI, Cecília. B. **Pontes (Ir)reais sobre abismos virtuais**: questões de aprendizagem de inglês e a presença das novas tecnologias na escola pública. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

BASTOS, Pedro Augusto de Lima; ROCHA PESSOA, Rosane. A Discussion on English Language Students' Body Image: Beauty Standards and Fatness. **Profile Issues in Teachers Professional Development**, v. 21, n. 1, p. 13-26, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-07902019000100013](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-07902019000100013). Acesso em: 13 mar. 2019.

CARVALHO, Alexandra Bittencourt et al. Uma análise discursiva sobre identidades de resistência de mulheres gordas em blogs: desconstruindo processos identitários da moda e da biomedicina. **Guavira Letras**, v. 14, n. 28, 2018. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/723>. Acesso em: 17 mai. 2019.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2006.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.). **The landscape of qualitative research**. 5th ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.

ELLIS, Carolyn., ADAMS, Tony. E., BOCHNER, Arthur. P. Autoethnography: An Overview. In: **Forum: Quantitative Social Research**. Volume 12, No. 1, Art. 10, Jan. 2011. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589/3095>. Acesso em: 24/03/2021.

FRANK, Hélvio. De/Colonização, gênero e educação linguística. In: Márcio Evaristo Beltrão; Solange Maria de Barros. (Org.). **Transgressão como prática de resistência: um olhar crítico sobre os estudos queer e a socioeducação**. Cuiabá: Eudfnt, 2019, v. 1, p. 17-30.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2013. p. 30-42.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar**: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. 1ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Por uma linguística aplicada iNdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-105.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Gênero, sexualidade, raça em contexto de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo, Parábola Editorial, 2013. p. 227-247.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca Falabella. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico**, v. 17, n. 4, pp. 711-723, 2019.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 22, n. 1, p. 51-62, 2018.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-49.

PESSOA, Rosane Rocha. Gêneros e sexualidades no ensino de línguas estrangeiras e na formação de professoras/es. In: FERRAZ, D. de M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (Org.). **Bate papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 35-53.

PETROSKI, Edio Luiz; PELEGRINI, Andreia; GLANER, Maria Fátima. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1071-1077, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232012000400028&script=sci\\_arttext&tlng=en](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232012000400028&script=sci_arttext&tlng=en). Acesso em: 30 jun. 2019.

PIÑEYRO, Magdalena. **Stop Gordofobia y las panzas subversas**. Editora Zambra: Baladre, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-118.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMOS-SOARES, Wilker. **Onde estão os corpos gordos?** Um levantamento de estudos na Linguística Aplicada. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.



**08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021**

RAMOS-SOARES, Wilker. **Papo de Menin@s: GORDOFOBIA NAS ESCOLAS** – Como tem sido (re)construído as identidades corporais plurais no contexto educacional?. Webinar apresentado por Wilker Ramos Soares [Anápolis: YouTube. 05/08/2020], 2020. 1 vídeo (1h 31min 42 seg). Online. Publicado pelo canal Papo de Escola. Português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8qoidIiviL0>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas**: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana; RAMOS-SOARES, Wilker; SABOTA, Barbra. Corpos gordos (in)visibilizados na linguística aplicada. **Raído (online)**, v 14, n. 36, p. 444-464, 2020.